

tando o ecletismo e a tolerância de temperamento, surge Gilberto Amado, o ensaísta de prosa fluente e macia que "recortava de preferência aspectos da vida social em nossa terra" (p. 143). Por fim, faz um balanço da atividade do jornalismo militante na época, destacando, entre outros, "o cronista atraente da vida carioca, João do Rio" (p. 144).

Obra clara, objetiva e segura em seus juízos; equilibrada em suas partes e por isso mesmo harmônica no conjunto. É tanto mais importante quando se tem em mente que esses períodos de transição ficam sempre na penumbra e raros são os que se aventuram nêles, sem a paixão que distorce as coisas e os fatos e dificulta, senão impossibilita, a visão justa dos autores e do momento. Alfredo Bosi conseguiu manter-se em posição de equilíbrio e assim traçar com propriedade o panorama de uma fase da nossa literatura ainda pouco estudada. — José Carlos Garbuglio.

M. CAVALCANTI PROENÇA, *José de Alencar na Literatura Brasileira*. Rio, Editora Civilização Brasileira S.A., 1966. 147 pp.

A crítica à obra de Alencar, por força da grandeza dessa mesma obra, tem passado por várias temperaturas, desde a frieza glacial dos primeiros tempos, motivo de fundadas mágoas do romancista, até o entusiasmo de críticos modernos, surpreendido nas opiniões revalorizadoras e análises estéticas que tendem a harmonizar-se com a consciente elaboração artística do escritor.

Sem intuítos preconcebidos de refutar restrições feitas a Alencar, mas revendo sua obra à luz de perscrutações serenas, tanto quanto profundas, Cavalcanti Proença, neste ensaio, que fôra escrito originariamente para as edições Aguilar, não se limitou a uma simples "introdução", mas tentou uma interpretação original que, se não esgota o assunto (mesmo porque não era tempo e lugar), desperta interesses novos e sugere, implicitamente, os estudos fundamentais que ainda não se fizeram do romancista de *Senhora*.

Aqui, mais uma vez, ganha foros de verdade a afirmação de que o estilo é o homem. A linguagem simples e cativante, pelo seu à vontade, que nada tem de superficial, lembra a todo momento a personalidade humaníssima do ensaísta, que sempre encara os problemas de literatura com acentuada dose de compreensão e simpatia e sabe, na segurança de sua formulação, que as verdades da vida e da arte, sem prejuízo do espírito crítico, podem ser ditas sem atavios complicados ou ares exagerados de seriedade caturra. Ele prefere o tom ameno das conversas informais, disciplinadas apenas pelas indispensáveis exigências da língua escrita. Assim, na toada embaladora dessa prosa, o leitor percorre as páginas do livrinho e vai aprendendo muito e muito da pessoa humana e da exuberante personalidade artística de Alencar.

A "Advertência do Autor" explica as limitações impostas ao ensaio, contido, apesar de abranger aspectos bem diversos da vida e da obra do escritor; note-se, por exemplo, como as citações estão excessivamente policiadas, discricionada dada pela natureza e destino do ensaio, não obstante o leitor perceber que C. P. tem muitas outras coisas a dizer e que precisa dizer, em benefício dos estudiosos e admiradores do pai de Iracema.

Corroboram essas observações a brevidade dos capítulos, a começar por "Uma Vida... um Destino", em que se sintetizam informes importantes sobre a infân-

cia e juventude do escritor e que foram decisivos para sua vocação artística, conforme confissões expressas ou deduções do ensaísta, enriquecidas de comentários agradáveis e precisos; tudo, porém, converge para dar a essas primeiras páginas a função de pórtico por onde se penetra facilmente na intimidade da obra.

É por isso que logo de início, reportando-se às origens da família de Alencar, com o necessário realce das figuras históricas da avó, D. Bárbara, e do pai, o Senador José Martiniano, C. P. quis chamar a atenção para os motivos maiores de orgulho e emulação que o romancista encontrara no seio da família, e assinalar pontos principais do território brasileiro percorrido pelo jovem, os quais, no futuro, seriam transfigurados esteticamente na sua variada obra. Este futuro chegou sem pressa: Alencar não revelou sofreguidão para estreitar; antes, preparou-se para a missão que encarava com grande respeito e seriedade, ciente da transcendência do labor artístico, que deve iniciar-se pelo domínio do artesanato.

Insistindo nessa tecla, mais uma vez C. P. tem o ensejo de lembrar a constante preocupação formal do escritor, denunciada nos vários momentos de teorização (Cartas sobre "A Confederação dos Tamoios, artigos, prefácios, apêndices, notas explicativas etc.), ao mesmo tempo que assinala os passos de sua formação intelectual, desde as primeiras leituras francesas, feitas na época da Faculdade de Direito de São Paulo e o interesse pelos cronistas coloniais, quando de sua estada em Recife, para cuja Faculdade se transferira. Afinados com esses interesses, são os primeiros artigos publicados em revista acadêmica, onde "o moço Alencar anunciava suas predileções: o passado da pátria e o uso do instrumento literário. Preparava-se para levantar no romance a evolução histórica e social do Brasil e adestrava-se na criação do próprio estilo — amálgama de outros estilos que, fundidos ao calor de sua alma de artista, lhe deram expressão individual, reconhecível, até hoje, com poucas linhas de leitura" (p. 8).

Outros pequenos trabalhos também devem merecer toda atenção, porque explicam ângulos de sua criação literária. É o caso das crônicas "Ao Correr da Pena", sobre acontecimentos e cenas da cidade, e cujos assuntos seriam reelaborados posteriormente na obra de ficção (p. 10). Pode-se mesmo apontar uma coerência entre a ficção e os conceitos expendidos esparsamente.

Merece uma nota de admiração a capacidade criadora de Alencar, aqui passada em revista. Em poucos anos escreveu copiosa obra, apesar das preocupações políticas que lhe roubaram boa parte do tempo. A passagem pelo Ministério e Parlamento merece atenção pelo muito que pode revelar do caráter do romancista; algumas de suas atitudes dão as cores mais vivas do seu perfil moral (p. 30). Além disso, ficaram também da experiência política as "Cartas de Erasmo", documentos indispensáveis à reconstituição histórica de fatos do II Reinado.

No contexto puramente literário, quando opina sobre a classificação dos romances feita pelo próprio Alencar, um dos pontos controversos da crítica, C. P. justifica as afirmações do escritor, encontrando nelas razoáveis fundamentos de convicção.

O primeiro capítulo se encerra com as considerações sobre a morte de Alencar: se ele não gozara, em vida, da popularidade merecida, teve, em compensação, o reconhecimento dos grandes, como provam as palavras carinhosas de Machado de Assis, transcritas no final (p. 39).

Aprofundando a análise crítica, C. P. examina certos compromissos temáticos, principalmente aqueles que marcaram o nacionalismo e a originalidade do escritor e que, em última instância, dão a sua obra o cunho identificador de brasilidade, apenas ensaiado na literatura que a precedeu. A propósito desse nacionalismo, C. P. empresta grande importância ao americanismo de Alencar (p. 39/40) e demonstra, através de exemplificação suficiente, a participação da paisagem americana na conformação dos caracteres das personagens, condicionando os seus aspectos positivos e servindo até de argumento para a conhecida tese romântica da oposição campo X cidade, em termos de superioridade do primeiro em relação a esta última.

Sem prejuízo do perfeito equilíbrio do trabalho, percebe-se a adesão do A. às concepções alencarianas do selvagem, plenamente justificadas no trabalho. Transcrevendo trechos de Montaigne, êle mostrou que havia antecedentes respeitáveis, e que o indianismo do autor de *Iracema* não destoava do conjunto de idéias correntes na época. Apenas houve, da parte de Alencar, uma conciliação do seu otimismo em relação aos selvagens, com o encarecimento da cultura, da tradição, da civilização portuguesas: "Entretanto, apesar de tôdas as teorias nativistas, o acervo de cultura, de tradição, de civilização, era português. Então, Alencar veste o índio com roupagens de cavalheiro, o arco vira besta, o tacape, montante. Peri vai além: chega a usar o próprio montante, abrindo claros em torno de si; na luta contra os aimorés, transforma a carabina em clava e, mais uma vez, semeia a morte nas hostes inimigas. Lá do céu, Eurico o Presbítero, fica olhando, entusiasmado, o guerreiro tupi, seu herdeiro e continuador. Assim era preciso, para que o ancestral escolhido não ficasse a dever aos portugueses, proibidos, proscritos, mas heróicos e admirados em sua glória cavaleiresca" (p. 51). O importante, acrescenta, é que "Alencar nos deu êsse índio transfigurado. Nisso, como todo artista predestinado, incorporou à sua arte um sentimento popular autêntico que, embora mais intenso naquela época, é ainda bem vivo hoje" (p. 51).

Prolongando o exame do assunto, o A. ressalva sua posição, mas defende a necessidade da justeza da crítica (p. 53). Apesar de breve, êste capítulo é uma feliz contribuição ao estudo do indianismo romântico.

O problema da língua e do estilo mereceu também a atenção de C. P., mas pouco se demora nêle. Naturalmente o tipo de trabalho não comportava demorados estudos técnicos, já iniciados por outros autores, e ainda não esgotado. Assim, essas observações valem principalmente como fecundas sugestões para a continuação das pesquisas que o valor da obra exige.

Explicando, de passagem, a significação de verossimilhança adotada por Alencar (verossímil = possível), e necessidade do conhecimento desse conceito para entendimento da obra, C. P. aponta outras raízes populares da obra em análise, e o modo como foram transfiguradas (p. 55). São essas bases folclóricas, sempre lembradas no decorrer do ensaio, as características mais expressivas do nacionalismo do escritor. Adiante, quando estuda os heróis alencarianos, afirma que "muito folclóricos, são perfeitos, lutam pelos fracos, sofrem injustiças, chegam mil vezes, às bordas da morte, mas continuam fiéis a si próprios e ao papel que lhes cabe no enredo" (p. 92). E após demorar-se no estudo da conformação e atuação de muitos desses heróis, reafirma: "Alencar se torna popular, porque realiza nos seus romances o equilíbrio moral e social com que sonham todos os idealistas e o povo. Os maus são punidos, os heróis, exaltados" (p. 97).

Nos limites dessa interpretação, e para comprová-la suficientemente, analisa os heróis sob diversos ângulos: qualidades intelectuais, morais, perspicácia, inteligência, espírito, coragem etc., definidos na obra pela caracterização ou pela ação, como se vê das várias passagens transcritas.

Na mesma oportunidade, esclarece aspectos das personagens, como a relação curiosa que existe entre a aparência física e o modo de ser psicológico. Como um recurso agradável, o A. faz desfilar a gentil galeria das donzelas alencarianas, as quais nos são apresentadas em momentos diversos, o que determina a variedade dos trajés e das atitudes, ocasião para que o leitor, guiado pelas observações do ensaísta, descubra outras constantes estilísticas de Alencar, principalmente no que se refere à criação e movimentação do seu mundo feminino.

Um estudo da obra do romancista de *O Guarani* não pode esquecer a presença dos animais que, em certos casos, são elementos integrantes do enredo. Mas é preciso atentar para uma particularidade: "Os personagens alencarianos do tipo herói têm, entre os seus traços de família, que são muitos, um domínio quase miraculoso sobre os animais. Não sobre cães e gato e outros bichos domésticos, mas sobre aqueles com que os homens não costumam cultivar relações de intimidade. Burro, boi, cobra, porco. E animais silvestres que se domesticam, ou, melhor, se abrandam e se suavizam, dominados pelos fluidos órficos que o herói irradia, e se tornam xerimbados" (p. 111). Nessa linha de raciocínio, desdobram-se as apreciações sobre a copiosa e interessante fauna que anima as páginas de ficção do escritor cearense, inclusive aquelas que aproximam a criação literária das bases folclóricas inegáveis, pois o boi Dourado (de *O Sertanejo*) descende do Rabicho da Geralda, sem prejuízo de outro parentesco, como o do touro negro que matou o Conde dos Arcoz (p. 124).

Para não ficar apenas nos pontos positivos, C.P. justifica, em face da grande extensão da obra, alguns cochilos, repetições ou mesmo emprêgo de lugares-comuns. São, porém, insignificantes, como também são as propaladas influências sofridas pelo escritor. Se existirem, o número é pequeno e mais do que compensado por aquelas dítadas pela obra, amplas, indiscutíveis, e com o sánete consagrador da popularidade.

Ao terminarmos a leitura deste trabalho, aplaudimos sua dedicatória à mocidade universitária, mas acrescentamos que todos se beneficiarão de sua leitura, mormente os estudiosos da Literatura Brasileira. — Rolando Morel Pinto.

ESTACIO DE LIMA, *O Mundo Estranho dos Cangaceiros*, Salvador, Editorial Itapoá Ltda., 1965, 327 pp.

O fenômeno do Cangaço, de acentuadas peculiaridades nordestinas, tão tristemente famoso pelas tradições de crueldade, ou, ao contrário, aureolado pelo sopro épico da poesia folclórica, passou a constituir, depois do desaparecimento dos bandos organizados, um tema sedutor para o teatro e o cinema, a inspirar uma obra de ficção que veio continuar uma temática antiga, além de despertar o interesse de estudiosos sérios, das mais diversas especialidades. Neste roteiro, é das mais louváveis a iniciativa das Cadeiras de Literatura Brasileira e Teoria Literária, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, com apoio de outras instituições, em destaque o Instituto de Estudos Brasileiros, promovendo um curso de extensão cultural em torno do fenômeno,